

***bullying* NA TV: PERCEPÇÕES DE ALUNOS E REPERCUSSÕES NA ESCOLA**

*Luana Santos Nogueira

**Maria Suzana De Stéfano Menin

RESUMO: Nesse artigo apresentamos parte de dados de uma pesquisa, a qual objetivou analisar a compreensão de adolescentes sobre o que é veiculado na televisão a respeito de *bullying* e como isso pode influenciar nas suas concepções relativas às práticas, na escola, de prevenção e combate ao fenômeno. Nessa pesquisa, em nível de mestrado, realizamos um levantamento teórico sobre *bullying* e mídia, aplicamos questionários e fizemos grupos focais com alunos de 6º ao 9º ano, de duas escolas públicas e duas particulares, no município de Presidente Prudente/SP. De modo geral, os participantes da pesquisa reconhecem que o *bullying* é abordado na escola e fazem relações com casos exibidos na TV, entretanto, para eles, essa abordagem não surte efeito na prevenção ou contenção do fenômeno. Para combater o *bullying* entendemos ser necessário um trabalho contínuo de conscientização e (re)construção de valores, sendo a mídia-educação uma possibilidade para promover tais reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: *bullying*. Mídia televisiva. Adolescentes. Mediações.

INTRODUÇÃO

Em certas relações entre pares, situações como ameaças e agressões frequentes com a clara intenção de ferir verbal ou fisicamente, a identificação de *agentes* e alvos das provocações, a relação desigual de poder e a presença de expectadores entre alunos compõem características de um fenômeno que ocorre nas relações humanas e que, na escola, é evidenciado como *bullying*.

Por se tratar de um espaço de interação social e convivência entre pares, o ambiente escolar é primeiro grande meio para o estabelecimento das relações externas ao convívio familiar. Se, nesse espaço onde deve ocorrer a aprendizagem, novos laços afetivos, e a construção de valores sociomoraes, houver a prática do *bullying*, a escola pode se tornar lugar de medo, insegurança e violência.

Observamos que o tema *bullying* tem sido amplamente pesquisado por estudiosos das áreas da saúde e educação, na busca por compreender o fenômeno e pensar estratégias para prevenção e combate do mesmo. Por outro lado, o assunto também tem sido

* Mestre em Educação pela Faculdade de Ciência e Tecnologia/UNESP. Pós Graduada em Gestão de Pessoas pela Faculdade Anhanguera. Pós-Graduada em Semiótica (Unoeste). Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (Unoeste). Email: luana@multiplus.g12.br

** Professora Titular pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação; pesquisadora visitante na Fundação Carlos Chagas. Mestre e Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/USP e Pós-Doutorados na École des Hautes Études en Sciences Sociales (1996 e 2004). Email: sumenin@gmail.com

motivo de pauta nas programações televisivas, especialmente quando resulta em grandes tragédias, uma vez que a exploração do tema se dá pela busca por audiência.

Nesse sentido, realizamos uma pesquisa de Mestrado com o objetivo de analisar a compreensão de adolescentes, alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, sobre o que é veiculado na televisão a respeito de *bullying* e como isso poderia influenciar nas suas concepções relativas às práticas, na escola, de prevenção e combate ao fenômeno. Os objetivos específicos foram para investigar a compreensão dos adolescentes sobre o termo “*bullying*”; verificar o que os adolescentes destacam sobre *bullying* nas programações televisivas assistidas por eles e mencionadas; analisar as possíveis relações que os alunos estabelecem entre o *bullying* exibido na TV e os casos desse tipo de violência praticados no ambiente escolar; comparar se há diferenças relevantes entre relatos dos estudantes de escola pública e particular a respeito de suas concepções sobre o *bullying*, a fim de verificar se diferenças socioeconômicas influenciam no acesso a essa informação e nas concepções acerca desse fenômeno; confrontar possíveis diferenças de concepções entre estudantes pré-adolescentes (6º e 7º ano) e adolescentes (8º e 9º ano) sobre *bullying* com o intuito de verificar se a diferença de idade influencia na percepção sobre este tipo de violência; identificar práticas escolares de prevenção e combate ao *bullying* na percepção dos alunos.

Em função da natureza e limitação desse trabalho – um artigo, ressaltamos que não conseguiremos apresentar e dialogar sobre todos os objetivos da pesquisa de mestrado realizada. Assim, para esse texto apresentaremos parte dos resultados da pesquisa de mestrado realizada com o intuito de refletir sobre alguns questionamentos: o que autores do campo da educação e comunicação têm apresentado e pesquisado acerca da temática em questão? Qual a compreensão dos adolescentes sobre *bullying*? Os mesmos estabelecem relações entre o que assistem na televisão sobre a temática e as situações vivenciadas na escola? Para os estudantes, as escolas têm oportunizado práticas de prevenção e/ou combate ao fenômeno a partir de conteúdos exibidos na mídia?

A PRÁTICA DO BULLYING NA ESCOLA: UMA REALIDADE NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Por se tratar de um tipo específico de violência, caracterizado especialmente pela ausência de valores que permitam que o autor e os expectadores, por exemplo, se coloquem no lugar do outro, o *bullying* é motivo de sofrimento, danos físicos e psicológicos a todos os envolvidos (TOGNETTA; VINHA, 2008; TOGNETTA, 2010).

Praticantes desse tipo de comportamento são, em geral, pessoas que usam de ações violentas para buscar afirmação de poder e admiração nas relações interpessoais, por isso, querem estar em evidência e ser seguidos. Segundo Fante e Pedra (2008, p. 90), autores de *bullying* “podem introjetar a noção de que conseguem destaque e notoriedade social por meio de comportamentos autoritários, abusivos e violentos”.

Já os sujeitos ‘alvos’ do *bullying* vivem constantemente em situações de sofrimento e impotência, e podem acreditar na imagem que os autores tentam passar sobre eles, por se sentirem pouco seguros sobre si mesmos. Nesses casos, dificilmente pedem ajuda por temer retaliações ou até por desacreditar na atitude dos adultos (PEREIRA, 2009).

Para que o *bullying* tenha por parte do autor o efeito desejado, é preciso haver expectadores. Estes se constituem entre os que presenciam as ações e têm medo de se tornar os próximos alvos; por isso concordam com as agressões ou preferem não interferir por não saber como lidar. Os mesmos não estão diretamente ligados a ação violenta, mas se calam.

Além dos ataques nos espaços escolares, outra forma de ação que tem crescido com o uso de tecnologias digitais, é o *cyberbullying*. Uma prática que expõe rapidamente o alvo, especialmente pela velocidade com que as informações se propagam e na qual a contenção é ainda mais difícil, pois o autor consegue se esconder no mundo virtual apresentando falsos nomes ou apelidos, o que dificulta na identificação. Por conta dessa característica, inclusive, autores têm a sensação de que não há regras, punição ou julgamento moral sobre a sua personalidade, trazendo ainda mais segurança a quem realiza os ataques. Para quem sofre esse tipo de violência, a preocupação é ainda maior, pois o mesmo não sabe quando, como e de onde vêm os ataques (WENDT; LISBOA, 2013).

Pelo fato do fenômeno estar potencialmente presente em qualquer ambiente onde haja relações interpessoais, a escola, que é onde a relação entre pares é mais frequente, deve estar atenta quanto à prevenção e combate ao *bullying*. Nesse espaço, além da aprendizagem de conteúdos, é necessário que haja a construção de valores fundamentais para a vida em sociedade, no anseio por um ambiente em que predomine o respeito, a cooperação, a justiça, entre outros valores. Compartilhamos com os estudos de Avilés (2013) e Tognetta (2013) que apontam que a escola deve ser um espaço democrático em que as crianças participem ativamente das decisões, procurando contribuir na resolução de problemas, para a construção de valores sociomoraes tão importantes para a formação do indivíduo. Além disso, professores, funcionários e gestores da escola precisam ser capacitados para compreender o

fenômeno e lidar com situações de enfrentamento do problema, conjuntamente aos estudantes e as famílias.

BULLYING E MÍDIA: A PERCEPÇÃO DO RECEPTOR SOBRE A VIOLÊNCIA NAS PROGRAMAÇÕES TELEVISIVAS

Por se tratar de um assunto recorrente no ambiente escolar, e muitas vezes exibido pelas diversas mídias, em especial a televisão, em situações de grandes tragédias que provocam comoção social, entendemos que o fenômeno *bullying* tem ganhado espaço nas programações e, conseqüentemente, incrementado esse tema como assunto nas escolas.

Nesse aspecto, observamos que, na mídia, a violência é tratada de forma sensacionalista, muitas vezes enfatizando, em suas exibições, apenas ações violentas, sem considerar seu caráter relacional e, no caso do *bullying*, não evidenciando os prejuízos causados a todos os envolvidos, dando ênfase ao fato em si (MONTORO, 2001; FANTE; PEDRA, 2008; MOURA, 2011).

Isso ocorre, segundo Baccega (2001, p. 10), pois os assuntos são pautados a partir de sua *espetacularização*, ou seja, com o intuito de selecionar “fatos que possam ser, eles próprios, verdadeiros espetáculos de imagens, de emoções construídas, de resgate de sentimentos muitas vezes ocultados pelo público e que encontram espaço, desse modo, para se expandirem”. No entanto, compreendemos que a *espetacularização* não é um fenômeno exclusivo da comunicação, e sim da sociedade. A partir dessa ideia, assuntos capazes de atrair grandes audiências são ainda mais ampliados e explorados, como é o caso do *bullying*.

No entanto, é preciso compreender que as programações exibidas são recebidas de forma diferente a cada indivíduo, a partir de suas próprias vivências, uma vez que as pessoas reinterpretem as informações recebidas pela mídia, sendo influenciadas, portanto, por suas práticas sociais, culturais, políticas e educacionais, as quais são chamadas de mediações (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Na perspectiva dos Estudos da Recepção e Teoria das Mediações, Martín-Barbero investiga a produção de sentidos que o expectador dá ao conteúdo assistido, não sendo, portanto, um sujeito passivo. A mediação entre a mensagem e o expectador ocorre por meio de práticas cotidianas, de acordo com as tradições, e com problemas e anseios particulares.

Santos e Nascimento (2000, p. 46) destacam que a mediação deve ser compreendida “[...] como sendo um conjunto de fatores que estruturam, organizam e reorganizam a recepção e a apropriação da realidade social, por parte do receptor”.

Diante disso, as programações televisivas que exibem situações de violência e sua relação com os expectadores têm sido amplamente pesquisadas nos últimos 50 anos. Nas primeiras investigações sobre o tema, os estudiosos acreditavam na influência direta ou empatia por parte dos expectadores sobre conteúdos violentos (STRASBURGUER, 1999; GROEBEL, 1999; RANGEL, 2004). Contudo, após os estudos da recepção e mediação, percebeu-se que não eram as programações que provocavam diretamente comportamentos agressivos, uma vez que as relações sociais, culturais, familiares é que poderiam determinar o modo de pensar e de agir dos expectadores (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Ao considerar essas mediações nas concepções sobre os conteúdos exibidos na mídia, acreditamos, neste estudo, que é possível que a ampla divulgação do *bullying* na televisão seja um objeto de reflexão entre os estudantes e educadores. Nesse sentido, a mídia-educação pode ser um caminho para isso, uma vez que o conhecimento produzido se torne um importante instrumento para permitir processos de mediação mais reflexivos, como defende Baccega (2001, p.4).

Tornar nosso aluno cidadão crítico, saber mobilizar percepções parciais na configuração da totalidade são processos que, no seu transcurso, contém a transformação de uma coisa em outra, a passagem de um em outro que o contém, ao mesmo tempo negando-o e incorporando-o sob nova roupagem. Essa passagem é a mediação.

Ampliando a discussão sobre o *bullying* e o tratamento dado pela mídia ao assunto, acreditamos que seja possível proporcionar aos adolescentes estratégias para que entendam e discutam o tema de maneira consciente, levando-os a pensar sobre as práticas de prevenção e o enfrentamento desse tipo de violência nos espaços escolares.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA: PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa realizada, predominantemente qualitativa, foi centrada mais no conteúdo das respostas do que na quantificação das mesmas, apesar de que, em diversos momentos do estudo, houvesse a necessidade de quantificar os dados coletados. Nesta abordagem a investigação tem cunho descritivo e exploratório. O caráter descritivo, na pesquisa, busca descrever as características de um grupo determinado ou de um fenômeno, analisando as possíveis relações entre as variáveis. Já o exploratório se trata de uma

aproximação com o problema, com o intuito de construir hipóteses a partir do levantamento bibliográfico e da coleta de dados como entrevistas (GIL, 2007).

Para o levantamento de dados realizamos, primeiramente, buscas por bibliografias que abordassem o fenômeno *bullying*, mídia televisiva, violência e televisão, *bullying* e mídia, programações televisivas e *bullying*, telejornalismo e adolescentes, mídia e adolescentes, entre outros.

A pesquisa empírica ocorreu em duas escolas públicas e duas particulares de Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), no município de Presidente Prudente. A opção pelos dois tipos de escolas se deu com o objetivo de averiguar se havia distinção entre as percepções dos alunos sobre o fenômeno em função das diferenças socioeconômicas e culturais nesses espaços educacionais. Já a escolha por essa faixa de idade aconteceu em função da entrada para a adolescência e suas transformações físicas; momento em que os estudantes estão, geralmente, mais suscetíveis aos apelidos e brincadeiras típicos da idade, e que, em alguns casos, podem se tornar *bullying*. É justamente nessa faixa de idade que se concentram muitas pesquisas sobre esse fenômeno no ambiente escolar (RAMÍRES, 2001; FRANCISCO, 2010; TOGNETTA; VINHA, 2010; TOGNETTA; BOZZA, 2012; entre outros).

Aplicamos um questionário composto por seis questões abertas, permitindo, assim, a flexibilidade de respostas por parte dos estudantes. As questões foram:

- 1 – O que você acha que significa esse termo *bullying*?
- 2 – Você se lembra de ter assistido a alguma reportagem sobre *bullying* na TV? Qual foi?
- 3 – O que você mais se lembra dessa reportagem? Comente de forma breve.
- 4 – Sobre a reportagem a que você assistiu e comentou acima, responda em qual emissora (canal) esta foi exibida. Em que programa: jornal, programa de entrevistas, de entretenimento, de variedades, essa reportagem foi exibida? E há quanto tempo?
- 5 – Sobre o assunto abordado na reportagem citada acima, você viu outras reportagens com o mesmo tema? Conte do que se lembra;
- 6 – Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre *bullying*?

A interpretação dos dados coletados foi realizada utilizando as técnicas de análise de conteúdo (FRANCO, 2005; BARDIN, 2010). Para tanto, realizamos leituras das respostas dadas ao questionário para interpretação dos dados coletados e categorizamos as respostas dos estudantes a partir das semelhanças e diferenças em seus significados e de conceitos retirados da literatura que definem os diferentes aspectos do *bullying*. Elaboramos tabelas e quantificamos as respostas para discussão das tendências observadas nos relatos.

Em um terceiro momento realizamos grupos focais em duas das quatro escolas participantes da pesquisa, sendo uma particular e outra pública. Os grupos, de 10 participantes cada, foram selecionados aleatoriamente, buscando mesclar meninos e meninas, de acordo com a faixa de idade (6º e 7º ano e depois 8º e 9º ano). Entretanto, antes da realização dessa coleta, fizemos uma pesquisa em sites de buscas na internet, das emissoras de televisão, sobre as reportagens mais citadas pelos alunos. Escolhemos uma reportagem que apareceu com maior frequência nas respostas dos questionários para que pudéssemos exibir durante o grupo focal.

A escolha da realização de Grupo Focal neste momento da pesquisa se deu em função da técnica envolver, simultaneamente, um grupo de indivíduos (nesse caso, adolescentes), que podem se influenciar entre si, no momento da entrevista, e expressar opiniões diversas, promovendo até debates, pois o objetivo não é encontrar consenso, e sim a diversidade de ideias, como apontam Gui (2003) e Gatti (2005).

A interpretação dos dados coletados nos grupos focais também se deu com base na análise de conteúdo. As falas dos estudantes foram transcritas e analisadas a fim de responder aos questionamentos e objetivos da pesquisa.

PERCEPÇÕES DOS ADOLESCENTES SOBRE O *bullying* E SOBRE AS PROGRAMAÇÕES TELEVISIVAS – ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

A aplicação dos questionários aos adolescentes foi realizada após a autorização dos responsáveis. Porém, durante as visitas às escolas, encontramos maior dificuldade na entrega do documento assinado pelos pais nas escolas públicas, o que resultou em menos questionários aplicados nas diferentes faixas de idade, como podemos observar na Tabela 1.

Tabela 1 – Número de respondentes por ano e tipo de escola

Séries	Escolas Públicas A e B	Escolas Particulares C e D
6º e 7º anos	47	69
8º e 9º anos	44	74
Total	91	143

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Na primeira pergunta aplicada sobre “O que você acha que significa esse termo *bullying*”, observamos que a maior parte dos estudantes de 6º e 7º ano, tanto da escola pública (41,8%), quanto da particular (35,6%), define *bullying* como agressão física e/ ou verbal. Nessas respostas vários estudantes exemplificam o fenômeno como brigar, humilhar, xingar, entre outros; como podemos observar nos exemplos a seguir: “Agressão, violência tanto verbal quanto física, xingar, bater, agredir, insultar” (menino do 7º ano, de escola

pública) e “Eu acho que significa maltratar, xingar, brigar, com muito desrespeito” (menino do 6º ano, de escola particular). Pensar o *bullying* a partir de agressões físicas ou verbais também aparece na literatura, entretanto, compreendemos, pelo referencial exposto (BANDEIRA; HULTZ, 2010; LOPES NETO, 2005), que o fenômeno possui outras características e se apresenta de outras maneiras, as quais não foram registradas nessa categoria de resposta.

Entre os estudantes de 8º e 9º ano, também de escolas públicas e particulares, esse mesmo tipo de resposta foi mais frequente (54,4% e 46,5%, respectivamente). Entretanto, a resposta de um aluno de 9º ano, de escola pública, nos despertou a atenção ao definir, de forma mais abrangente, a prática do fenômeno: “O termo *bullying* refere-se à perseguição de uma pessoa a outra, batendo, xingando todo dia, sem que a pessoa possa se defender. Isso ocorre muito com pessoas gordas, baixas, magras, altas, etc.”. Apesar de o adolescente não cobrir toda a abrangência conceitual sobre *bullying*, apresenta aspectos que vão ao encontro de conceitos presentes na literatura sobre o fenômeno, como visto nos estudos de Tognetta (2005) e Fante e Pedra (2008).

Ao observar as demais categorias nesta questão, pudemos notar que não houve muita diferença entre as respostas dos estudantes das diferentes faixas etárias, no que diz respeito ao conceito de *bullying* como agressão física ou verbal. Entretanto, observamos que muitos estudantes de 6º e 7º anos, dos dois perfis de escolas, confundem *bullying* com brincadeiras de mau gosto; o que ocorreu em menor quantidade entre os estudantes de 8º e 9º ano. Entendemos que essa questão esteja relacionada a fato de os alunos com mais idade terem um nível de compreensão maior sobre o fenômeno, pois fizeram relatos em que o *bullying* tem relação com atos de ferir, desrespeitar, maltratar e agredir em função das características do alvo.

Especificamente no caso de alunos do 8º e 9º anos, de escolas particulares, notamos que muitas respostas também trazem o *bullying* como perseguição e agressões constantes, sempre com um mesmo alvo, sendo um ou mais autores. Contudo, em todos os grupos pesquisados ainda há confusão do fenômeno com outras formas de violência como, por exemplo, o racismo. Essa confusão sobre o tema com outros tipos de violência foi constatada por outros pesquisadores em investigações feitas em escolas brasileiras (PEREIRA, 2009; FANTE, 2005).

Para que os estudantes pudessem relatar reportagens vistas por eles sobre o tema *bullying* e de modo que conseguíssemos verificar quais programações sobre isso eram

mais citadas, as perguntas a seguir foram analisadas conjuntamente: 2 – Você se lembra de ter assistido a alguma reportagem sobre *bullying* na TV? Qual foi?; 3 – Do que você mais se lembra nessa reportagem? Comente de forma breve; 4 – Sobre a reportagem a que você assistiu e comentou acima, informe em qual emissora (canal) esta foi exibida. Em que programa: jornal, programa de entrevistas, de entretenimento, de variedades, essa reportagem foi exibida? E há quanto tempo?

Ao questionar sobre reportagens, identificamos que os estudantes de 6º e 7º ano, das escolas públicas e particulares, relataram outras fontes de informação como desenhos, filmes, vídeos divulgados pela internet e ações realizadas na escola. Todavia, pudemos observar que na maior parte das categorias, os estudantes já assistiram a algum tipo de reportagem que abordasse o fenômeno, porém sem relatar casos específicos que tenham provocado grande repercussão ou comoção.

A categoria sobre programações televisivas que mais obteve respostas entre alunos de 6º e 7º ano, dos dois perfis de escolas, foi sobre relatos de reportagens exibidas em emissoras de canais abertos, na maioria dos casos em telejornais da Rede Globo, em períodos variados. Elas versaram sobre casos de *bullying* ocorridos no ambiente escolar ou que enfatizaram consequências negativas aos alvos (28,6% de pública e 30,1% de particular).

Destacamos as respostas de uma aluna do 7º ano de escola pública e a de outra, também do 7º ano, de escola particular, respectivamente: “Uma menina sofria *bullying* pelos colegas de sala e então ela não aguentou mais e não queria ir na escola. Ela parou de estudar e ficou com traumas por isso” e “Eu assisti em vários lugares que as pessoas que sofreram *bullying* ficavam trancadas dentro de casa, não gostavam de ir na escola, conversar com os outros, e sofria muito”.

Nas respostas de adolescentes de 8º e 9º ano, sobre esses questionamentos, grande parte (37% de escola pública e 46% de particular) respondeu já ter visto diversas reportagens sobre *bullying* na TV, inclusive ressaltando o problema na escola ou consequências provocadas ao alvo desse tipo de violência. Isso reforça a ideia de que o assunto é amplamente divulgado pela mídia, evidenciando suas consequências especialmente aos alvos. Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos sobre *bullying* de Fante (2005) e Tognetta e Vinha (2010).

Ao analisar as diferentes faixas etárias, observamos que a audiência muda conforme a idade, já que o vínculo e o consumo televisivo podem se dar pela imitação do grupo, o que o leva a assistir aquilo que é “tendência” (FRANÇA, 2004). Portanto, se um

assunto é comentado entre os adolescentes, como casos de *bullying*, os demais também podem buscar na TV ou em outras fontes um modo de sanar a curiosidade.

Nas respostas dos grupos de 6º e 7º anos, de escola pública, notamos que vários casos citados não pareciam se tratar de *bullying* e, por isso, caracterizaram certa confusão a respeito do tema. Já entre os alunos da mesma faixa etária, da escola particular, muitos comentaram ter assistido sobre *bullying* em “propagandas educativas” que explicavam o fenômeno, especialmente em emissoras de canal fechado, como é o caso de canais de desenho e séries infanto-juvenis, citados nas respostas, o que parece ter aumentado o leque de informações a respeito do fenômeno. Isso nos leva a pensar sobre diferenças socioeconômicas que, nesse caso, podem ser um dos fatores que possibilita um acesso maior sobre informações a respeito do *bullying*. No entanto, não se pode afirmar que as concepções desses alunos sejam mais próximas da literatura, uma vez que ainda há muitas lacunas acerca do tema.

Acreditamos que, independente da classe econômica, a escola pode utilizar a mídia para abordar o conceito de *bullying* e suas características, assim como trabalhar a prevenção e contenção do fenômeno, usando recursos como conteúdos exibidos na TV para promover discussões e reflexões sobre o assunto. Isso pode ser feito com o intuito de criar um ambiente de convivência em que valores como respeito, cooperação, solidariedade e justiça estejam incorporados, como defende Tognetta (2005).

Na comparação entre diferentes idades, destacamos ainda, entre os alunos de 8º e 9º ano, de ambas as escolas, o relato de casos mais específicos de *bullying*. Em especial, destacou-se um caso registrado na Austrália que ganhou grande repercussão na mídia. Tratou-se de uma violência dentro da escola, praticada por um adolescente que constantemente era alvo de *bullying* e que usou a força física para reagir aos ataques. Esse caso reforça a ideia da *espetacularização* da notícia, uma vez que a mídia, constantemente, explora esse tipo de imagens para manter a audiência, assim como apresentado nos estudos de Montoro (2001) e Baccega (2001).

Quanto à pergunta – “Sobre o assunto abordado na reportagem citada acima, você viu outras reportagens com o mesmo tema? Conte do que se lembra”; 72% dos adolescentes de escola pública e 60,6% de escola particular, com faixa de idade de 6º e 7º ano, relataram não se lembrar de outras reportagens ou programações. Esse resultado foi atribuído a questões ligadas às programações televisivas, uma vez que reportagens ou outras exibições na televisão sobre o tema, geralmente, são realizadas em telejornais, que não são direcionados a esse público.

Do mesmo modo como apresentado pelos estudantes com menor idade, grande parte dos alunos de 8º e 9º ano (53% de escola pública e 41,2% de particular) também alegou não se lembrar ou não querer comentar outras reportagens assistidas. Contudo, a quantidade de respostas de alunos apontando que o tema é exibido com frequência é bem maior entre os adolescentes com mais idade (6º e 7º ano – escola pública com 5,8% e particular com 25,8%; já entre alunos de 8º e 9º ano – escola pública com 33,3% e particular com 37,5).

Contudo, alguns alunos com mais idade, dos dois perfis de escolas, relataram se lembrarem de práticas de enfrentamento ao *bullying* realizadas nas instituições de ensino, como nas seguintes respostas: “Vimos e estudamos o assunto na minha escola” (aluna de 8º ano de escola pública) e “Eu também vi um teatro que foi apresentado na minha escola, o qual mostrava várias formas de *bullying* e suas consequências” (aluno do 8º ano de escola particular).

Observando esses dados, notamos que as escolas têm abordado o tema, entretanto, nas respostas dos questionários não há informações suficientes para compreender as ações.

Na última pergunta: “Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre *bullying*?”, notamos que entre adolescentes com menos idade, o índice da categoria na qual afirmaram não se lembrar de outras reportagens foi de 35,9% de escola pública e 41,5% de particular. Entre os adolescentes de 8º e 9º ano esse índice foi de 19,2% na escola pública e 21,5% na particular. Contudo, 20,7% de respostas dos estudantes de 6º e 7º anos, de escola pública nos chamaram a atenção, pois relataram situações de *bullying* vivenciadas por eles, especialmente no ambiente escolar, seja como autor, alvo ou expectador, por exemplo, “Eu sofro *bullying* na escola e isso é muito constrangedor” (menina do 6º ano). Tal afirmação também foi registrada na escola particular, porém com menor número de respostas (4,9%). Esses dados nos despertaram a atenção, pois mostram que estudantes sofrem com essa prática na escola e nem sempre a instituição consegue identificar o fenômeno entre seus alunos. Em função disso, a escola pode estar utilizando apenas pontualmente ações de prevenção e contenção do fenômeno, enquanto que essas ações, conforme consta na literatura (AVILÉS, 2013; PEREIRA, 2009), precisam ser constantes.

Outro dado destacado nas respostas, em ambas as escolas e faixas etárias, foi a apresentação de aspectos negativos sobre o *bullying*. Embora os estudantes não apresentem o conceito de *bullying* com uma definição mais completa do fenômeno, os

mesmos reconhecem que a prática é ruim e causa sofrimento. No caso dos estudantes de 8º e 9º ano, observamos que grande parte destacou aspectos negativos a respeito do fenômeno (27,2% de escola pública e 21,5% de particular).

GRUPOS FOCAIS: PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE *bullying* NA TV E SUA REPERCUSSÃO NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Além do uso do questionário, realizamos quatro grupos focais compostos por dois grupos com alunos de 6º e 7º anos, um de escola pública e outro de escola particular; e dois grupos com estudantes de 8º e 9º ano, também com os dois perfis de escola, sendo cada grupo composto por 10 alunos escolhidos de forma aleatória.

Em uma primeira etapa no grupo focal, fizemos, de forma mais aberta, os seguintes questionamentos: “O que vocês acham que é *bullying*?”; “Vocês já assistiram a reportagens sobre *bullying*?” e “O que tinha nessa reportagem?”.

Embora perguntas desse tipo já tivessem sido feitas durante a aplicação do questionário, buscamos verificar se os estudantes relatariam outras informações que complementassem suas respostas.

Na segunda etapa exibimos uma reportagem sobre um caso de *bullying* ocorrido na Austrália, citado por vários adolescentes nos questionários aplicados, em que os estudantes relataram a reação de um alvo (um menino obeso) que revidou aos ataques do autor, jogando-o com força no chão. Essas imagens de violência foram exibidas em diversas programações televisivas, com repercussão internacional. A escolha dessa reportagem se deu considerando a emissora e programação mais citadas nas respostas (Globo, Fantástico, há dois anos).

Depois da exibição da reportagem, fizemos os seguintes questionamentos: “O que mais lhe chamou a atenção nessa reportagem e por quê?” e “O que a escola tem a ver com isso?”.

Na terceira e última etapa de trabalho dentro do grupo focal, buscamos verificar relações, feitas pelos alunos, entre o tema *bullying* exibido na TV e as ações de prevenção e combate ao fenômeno na escola em que os alunos participantes do grupo focal estudam. Com esse enfoque, perguntamos: “Depois de cenas como essas, exibidas na TV, houve alguma repercussão na sua escola sobre o assunto?”; “A partir desses casos da mídia televisiva, vocês e sua escola planejaram algum projeto sobre *bullying*? Em caso afirmativo,

como foram essas ações?” e “Vocês perceberam alguma mudança na escola a partir das ações?”.

Os relatos gravados e transcritos foram analisados de maneira qualitativa, procurando compreender as respostas a partir da literatura revisada.

Ao comentar o que significa *bullying*, percebemos novamente que há um consenso entre os estudantes de ambas as escolas e idades, de que o fenômeno se dá por agressões verbais e físicas, com pessoas diferentes das outras por alguma característica física ou de comportamento. Tais conceitos, amplamente divulgados pela mídia, nos parecem incorporados na concepção dos estudantes.

Já o conceito de *bullying* como o medo que o alvo sente de sofrer os ataques e como isso pode afetá-lo psicologicamente foi registrado com mais frequência entre alunos com mais idade, tanto da escola pública quanto da particular. Outras características do fenômeno também foram apresentadas mais por estudantes de 8º e 9º ano, das duas escolas.

Entre alunos de 6º e 7º ano, de escola pública, houve relatos de casos ocorridos com eles mesmos, sendo alvos de perseguição, como observamos na fala de um aluno do 6º ano – “Eu tive um colega que ficava todo dia me atormentando, daí teve um dia que eu não aguentei mais e espanquei ele no intervalo. Daí a mãe dele veio aqui na escola pra falar comigo. E eu contei para ela o que ele fazia comigo. Daí a diretora da escola falou que é para eu ir na delegacia fazer um boletim de ocorrência na próxima vez”.

Quando perguntado aos alunos se já assistiram reportagens sobre *bullying* e o que havia nessas reportagens, as respostas foram parecidas com as relatadas nos questionários, reforçando que se lembravam de programações veiculadas sobre o tema, entretanto destacamos que um estudante do 8º ano, comentou sobre a interferência da família para discutir o assunto, aproveitando uma reportagem exibida na TV e disponibilizada na internet - “Minha mãe colocou para assistir no Globo.com. Mostrava do Jornal Nacional um moleque bem triste, sozinho. E ela me falou que a gente não pode fazer isso com o povo da sala”.

Na segunda parte do grupo focal, após a exibição da reportagem sobre o caso de *bullying*, ocorrido na Austrália, obtivemos em ambas as escolas e nas diferentes faixas etárias, que muitos adolescentes concordaram com a reação agressiva do menino alvo de *bullying*. Observamos pela fala dos alunos que, nesse caso, a violência é justificada com o revide. Somente dois alunos discordaram da ação - “Eu não concordo. Eu vi eu achei que ele precisava de ajuda também. Porque ele era humilhado. Tanto ele quanto o magro precisam de

ajuda” (menina de 8º ano de escola particular) e “Eu achei errado, porque não é assim que a gente resolve. Tem que ser na conversa” (menino de 9º ano de escola pública). Nesse tipo de resposta, observamos que os alunos com mais idade podem ter uma compreensão maior sobre a necessidade de ambos os envolvidos na situação de violência precisarem de ajuda, como também aponta Pereira (2009).

Quando perguntamos sobre possíveis relações entre a escola e o caso de *bullying* da reportagem, praticamente todos os alunos participantes comentaram que as cenas exibidas se parecem com situações que ocorrem na escola em que estudam. Assim, constatamos que, para os adolescentes, o que é veiculado na TV é reconhecido por eles como tendo relação com suas vivências. Contudo, sabemos que a interpretação de cada um se dá de forma mediada, ou seja, interferem nesse processo aspectos diversos, como: a formação cultural, moral, influências da família, entre outros; como defende Martín-Barbero (2009).

No sentido de prevenir e conter o fenômeno, acreditamos que a escola deva ser um espaço de reflexão sobre o assunto e construção de valores morais. Por isso, questionamos os alunos sobre as práticas realizadas nesses ambientes, com foco na prevenção e combate ao *bullying* e a relação das mesmas com casos exibidos na TV.

Entre os comentários dos estudantes, de modo geral, pudemos notar que ambas as escolas abordam o assunto como forma de prevenção, com ações pontuais como cartazes, textos inseridos nas aulas e até cobrados em avaliações, entre outros, geralmente logo após o assunto ser exibido na televisão. Especialmente na escola particular, observamos que os casos veiculados pela mídia são comentados com uma abordagem feita em tom de repreensão, sem a promoção de reflexões sobre o tema.

Considerando que os alunos reconhecem que a escola desenvolve ações de prevenção e combate ao *bullying*, a partir de conteúdos exibidos pela mídia, quando questionados sobre possíveis mudanças na escola por meio dessas ações, houve um consenso entre os alunos de que as práticas são ineficazes.

Os estudos sobre o fenômeno apontam que ações de prevenção e combate ao fenômeno devem ser constantes, com estratégias pensadas e estruturadas, que contemplem a formação dos professores para lidar com o *bullying*, organizando equipes de mediação, permitindo e incentivando a participação dos alunos para que possam falar o que sentem e buscando o envolvimento de toda a comunidade escolar, como defendem Tognetta (2013), Avilés (2013) e Pereira (2009).

Além disso, entendemos que o uso de programações televisivas sobre *bullying* na escola possibilite, entre outras práticas, a promoção de discussões e reflexões, como propõe a mídia-educação. Esse tipo de mídia pode ser uma ferramenta capaz de desenvolver o pensamento crítico-reflexivo sobre as diferentes mídias e sua utilização no processo de ensino-aprendizagem, por se tratar de um instrumento importante da cultura contemporânea, que permite a participação ativa do cidadão, em contrapartida da onipresença das mídias, na vida social.

Entretanto, para que isso seja possível, pensamos ser necessário que a utilização desse recurso de mídia seja realizada juntamente com o embasamento teórico sobre o assunto, pois, de acordo com Magalhães (2001, p. 4), conhecer é “ampliar suas percepções, estender seus sentidos, correndo atrás da nova ordem estabelecida diariamente. É construir modelos e interagir com eles [...]. São esses modelos que irão instrumentalizar o indivíduo para que possa compreender o que se passa”.

Diante do exposto, entendemos ser fundamental a importância do professor como um mediador do conhecimento, uma vez que é preciso levar em conta que as novas gerações já convivem com ferramentas tecnológicas e acesso à informação das mais diferentes formas, inclusive concorrendo e tendo até mais espaço na vida de crianças e adolescentes do que a escola e a família, por exemplo. Podemos notar isso inclusive observando o tempo que ficam em frente à televisão ou utilizando computadores e celulares para se conectarem à internet.

Assim, afirmamos que a mídia-educação pode apresentar um caminho a ser utilizado pelos espaços escolares para “despertar o olhar” dos adolescentes acerca daquilo que é veiculado, inclusive o *bullying*, uma vez que o tema é frequentemente explorado pela TV. Esse instrumento pode promover reflexão e análise, a fim de formar cidadãos críticos, considerando os processos de mediação (BÉVORT; BELLONI, 2009; BACCEGA, 2001) e, especialmente, tornando o ambiente escolar um espaço voltado para a educação em valores, como respeito, solidariedade, justiça, cooperação, entre outros, como defendem Tognetta (2013) e Menin (1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos compreender que o *bullying* é uma prática que pode ocorrer nas relações entre pares e provocar sérios danos a todos os envolvidos e está, muitas vezes, presente nos espaços escolares.

O fenômeno que se apresenta com o envolvimento do autor, alvo e expectadores, possui características específicas, por meio de ações como agressões físicas, verbais e psicológicas, podendo acontecer na convivência social ou em relações virtuais, como o *cyberbullying*, que consiste na utilização de recursos tecnológicos para constranger, humilhar e ferir os alvos.

Por essas características, o *bullying* é algo difícil de conter, pois suas ações ocorrem de forma velada, distante do olhar dos adultos. Contudo, estudos apresentados neste artigo trazem possibilidades para prevenir e combater o fenômeno como a participação das crianças nas decisões e resolução de conflitos no ambiente escolar, promovendo a reflexão sobre o tema, para a construção de valores, como defende Tognetta (2013) e, ainda, a formação dos professores e funcionários da escola para lidar com essas questões, além do esclarecimento a respeito do fenômeno junto à comunidade escolar, e adoção de ações diretas com alvos e autores, como apresentados por Avilés (2013), Pereira (2009) e Lopes Neto (2005).

Como situações de *bullying* são, por vezes, exibidas na mídia televisiva, especialmente pela repercussão que essa temática pode gerar, uma vez que a prática ocorre nos espaços escolares, o assunto, de certa forma “aproxima” a notícia da realidade do telespectador. Por conta desta “visibilidade e audiência”, entendemos que a mídia tem um papel importante na divulgação do fenômeno.

Contudo, pelos estudos aqui apresentados, compreendemos que a mídia explora discursos de comoção e apelo, na busca pela audiência e, no que diz respeito ao *bullying*, o fenômeno é apresentado superficialmente, sem, muitas vezes, levar em conta suas características, sendo tratado apenas como espetáculo, especialmente quando ocorrem grandes tragédias relacionadas ao tema, reforçando sua *espetacularização*.

Todavia, entendemos a partir dos estudos de Martín-Barbero (2009), que o público receptor interpreta as informações da mídia por meio de suas vivências, suas práticas sociais, culturais, políticas e educacionais, que são consideradas por ele como mediações. Essas mediações ocorrem, portanto, também entre os adolescentes quando assistem programações sobre *bullying*.

Na pesquisa aqui apresentada, observamos que os adolescentes usam a TV como uma de suas fontes de informação e construção de saberes, e suas interpretações ocorrem sob influência das mediações que os cercam.

Com a utilização dos instrumentos de coletas de dados (questionário e grupo focal), identificamos, entre os adolescentes de modo geral, a compreensão de *bullying* como agressões físicas e verbais e, especificamente entre os com mais idade, um entendimento mais amplo acerca do fenômeno. Diferenças socioeconômicas em ambas as faixas etárias, segundo a pesquisa, também influenciaram no acesso à informação.

Em relação às práticas escolares de prevenção e combate ao fenômeno, a compreensão dos alunos é de que, quando ocorrem grandes tragédias e o assunto é amplamente explorado pela mídia, o mesmo é comentado nos espaços escolares e, em ambas as escolas pesquisadas, os estudantes relataram que perceberam ações das instituições de ensino para lidar com o fenômeno. Entre alunos menores essas ações foram pouco relatadas, já entre os maiores vários exemplos foram comentados, mostrando estratégias diferentes entre a escola pública e a particular.

Entretanto, constatamos na fala dos alunos que essas medidas adotadas nos espaços escolares investigados não garantiram uma mudança de postura em relação ao fenômeno, pois foram ações pontuais, desconexas e sem o envolvimento da comunidade para o enfrentamento dessa prática, que precisa ser tratada do ponto de vista das relações interpessoais, no sentido de realizar constantes estratégias de participação dos estudantes e da comunidade escolar na resolução de conflitos que envolvem os espaços educacionais.

Acreditamos, por fim, que entre as estratégias de prevenção e combate ao *bullying*, a mídia-educação seja uma possibilidade de abordar o fenômeno, para promover entre os estudantes uma reflexão maior acerca do tema, ampliando sua discussão (FISCHER, 2002; BACCEGA, 2001).

Portanto, a escola pode aproveitar os conteúdos exibidos na televisão e comentados pelos próprios alunos para estabelecer relações sobre o *bullying* apresentado na mídia com as vivências escolares, procurando, assim, sensibilizá-los para que se coloquem no lugar do outro, na busca por um ambiente pautado no respeito e na solidariedade, tão importantes para a formação moral.

***bullying* ON TV: STUDENTS' PERCEPTIONS AND SCHOOLS REPERCUSSION**

ABSTRACT: On this article we present a study that intends to investigate the perceptions of teenagers about television programs which approach *bullying*, and how it can inflict on their concepts related to schools programs aimed at preventing and fighting these type of issues. This way, we've carried a theoretical survey about *bullying* and media, asking students from 6th to 9th grades to answer a questionnaire about it - both from public and private

schools in Presidente Prudente-SP. Beyond that, we've created focal groups in order to understand students' point of view on the prevention and containment practices of *bullying* in the schools, and to verify if there was a relationship between this and the cases shown on the media, from the data taken from the students. In general, they could recognize that such relationship happens; however, for them, the way they show it on the programs isn't effective on the *bullying* prevention and containment. We understand that, in order to battle such thing, there must be a continuous work of awareness and of construction of values, having the media-education as the possibility to promote such reflections.

KEY WORDS: Bullying. Television media. Teenagers. Mediations

***bullying* EN LA TELE: PERCEPCIONES DE ALUMNOS Y REPERCUSIONES EN LA ESCUELA**

RESUMEN: En este trabajo las percepciones de adolescentes sobre programaciones televisivas que abordan el *bullying* fueron investigadas y sus concepciones acerca del tema. Para tanto, realizamos un levantamiento teórico sobre el *bullying* y la media y aplicamos cuestionarios a alumnos de 6° al 9° año, de dos escuelas públicas y dos privadas, en el municipio de Presidente Prudente/ SP. Hicimos, incluso, grupos focales para comprender la visión de los estudiantes sobre prácticas de prevención y contención del *bullying* realizadas en las escuelas y verificar, a partir de esas hablas, si lastenían relación con los casos exhibidos en la media. De manera general, los participantes de la investigación reconocen que el *bullying* se lo aborda en la escuela y se lo relacionan con casos exhibidos en la tele; en tanto, para ellos, ese abordaje no causa efecto en la prevención o contención. Para combatir el *bullying*, entendemos que es necesario trabajo continuo de concientización y de (re)construcción de valores, siendo la media-educación posibilidad para promover tales reflexiones.

PALABRAS-CLAVE: *bullying*. Media televisiva. Adolescentes. Mediaciones.

REFERÊNCIAS

AVILÉS, J. M. M. *bullying*: guia para educadores. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

BACCEGA, M. A. O campo da comunicação/ educação e as práticas de recepção: o papel das mediações. In: COMPÓS, 10., 2001, Brasília, DF. *Anais...* Belo Horizonte: ANPPGC, 2001.

BANDEIRA, C. M.; HULTZ, C. S. As implicações do *bullying* na auto-estima de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, Uberlândia, n. 1, v. 14, p. 131-138, jan./ jun. 2010.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2010.

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 30, n. 109, set/dez. 2009.

FANTE, C. *Fenômeno bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. *bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FISCHER, R. M. B. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro. n.20, maio/ago. 2002.

FRANÇA, L. Contribuições da televisão para a formação da identidade na adolescência – uma análise do processo de recepção. *Comunicação e Informação*, Goiânia. v. 7, n. 2, jul./dez. 2004.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. Brasília: Livro Editora, 2005.

FRANCISCO, M. V. *Percepções e formas de enfrentamento de adolescentes frente ao bullying*. 2010. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010.

GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GROEBEL, J. The UNESCO global study on media violence. *The Major Project of Educacion*. Santiago. Bulletin n. 49, aug., p.5,1999.

GUI, R. T. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. *Revista Psicologia: organizações e trabalho*, Brasília. v. 3, n. 1, jun. 2003.

LOPES NETO, A. A. *bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro. v. 81, n. 5, p. 164-172, nov. 2005.

MAGALHÃES, C. M. Programas infanto-juvenis em análise pelos caminhos da comunicação e da educação. In: COMPÓS, 10. Brasília, DF, 2001. *Anais...* Belo Horizonte: ANPPGC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 6. ed., 2009.

MENIN, M. S. S. Desenvolvimento moral: refletindo com pais e professores. In: MACEDO, L. D. (Org.). *Cinco estudos de educação moral*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p.37-100.

MONTORO, T. S. Sangue na tela: a representação da violência no noticiário de televisão no Brasil. In: COMPÓS, 10Brasília, DF, 2001. *Anais...* Belo Horizonte: ANPPGC, 2001.

MOURA, L. O. S.; et al. *bullying: a vulgarização de um conceito na mídia*. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 15 E ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 11., São José dos Campos, 2011. *Anais...*São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2011.

PEREIRA, S. M. S. *bullying e suas implicações no ambiente escolar*. São Paulo: Ed. Paulus, 2009.

RAMIRÉZ, F. C. Variables de personalidad asociadas em la dinámica *bullying* (agresores versus víctimas) em niños y niñas de 10 e 15 años. *Anales de Psicología*, Murcia.v.17, n. 1, p. 37-43, jun. 2001.

RANGEL, J. G. Efeitos e consequências da exposição à violências da televisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 17, Porto Alegre, 2004. *Anais...* São Paulo: INTERCOM, 2004.

SANTOS, M. S. T; NASCIMENTO, M. R. Desvendando o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção. *Novos Olhares*, São Paulo. n. 5, jan./jul. 2000.

STRASBURGER, V. C. *Os adolescentes e a mídia, impacto psicológico*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

TOGNETTA, L. R.; BOZZA, T. L. *Cyberbullying*: um estudo sobre a incidência do desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que os adolescentes tem de si. *Nuances: estudos sobre educação*, Presidente Prudente. ano 18, v. 23, n. 24, p. 164-180, set/dez. 2012.

TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: os sinais de *bullying* e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, A.; LIMA, V. S. de. *Construindo saberes em educação*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2005.

TOGNETA, L.R.P. et al. *Um panorama geral da violência... e o que se faz para combatê-la*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v.1

TOGNETA, L.R.P. *bullying* na escola: o olhar da psicologia para um problema moral. In: GARCIA, J.; TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (Org.). *Indisciplina, conflitos e bullying na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.p.41-60.

TOGNETA, L.R.P.; VINHA, T. P. Estamos em conflito: eu comigo mesmo e com voc? In: CUNHA, J. L. da; DANI, L. S. C. (Org.) *Escolas, conflitos e violências*. Santa Maria: UFSM, 2008.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do *cyberbullying*. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro. v. 25, n.1, p. 73-87, jan./jun. 2013.

Recebido em agosto de 2015.

Aprovado em fevereiro de 2016.